

Aurora Venturini

A família Caserta



de Pires

DA AUTORA DO GENIAL *AS PRIMAS*, UM ROMANCE QUE SE ATIRA SEM FREIO À NATUREZA SANGUÍNEA DO AMOR E DO DESAMOR, NAS SUAS MÚLTIPLAS FORMAS.

«Um romance brilhante, provocador, ambicioso e deliberadamente anacrônico.»

Clarín

A fotografia

Na sala de espera de uma clínica platense voltei a ver a cabeça do Luis, um capitel lascado, tenebrosamente posto entre os ombros da sua segunda esposa. Agora sei que o perdi para sempre e compreendo que jamais, em toda a eternidade, voltarei a sentir o seu contacto, tão doce e tão meu naqueles tempos, porque o seu segundo casamento deve ter sido uma união feliz, e por isso ela pôde salvar da morte a cabeça dele, salvar a expressão do único ser humano que amei como companheiro normal. Porque também amei apaixonadamente a minha tia-avó.

Durante longas noites invernais aconchegava-me abraçando-me a mim mesma. Imaginava o amoroso reencontro na penumbra lilás-azulada, tonalidade em que se movem os fiéis defuntos. Agora sei que ele a espera apenas a ela, talvez para que lhe devolva a sua cabeça. A minha mãe opinava que os casais muito unidos e harmoniosos, na velhice, parecem irmãos. Não foi o seu caso, porque a minha mãe tinha uma certa semelhança com o senhor Roux. Mas essa é outra história.

Perante a viúva do Luis, embora nada nem ninguém me possa rasgar, quebrar ou mutilar, porque tudo isso já me aconteceu, sinto uma medonha sensação de terror. E a ameaça de um desenraizamento total, final e horrendo abate-me até derramar rios de lágrimas na Lagoa Estígia, depois de dar as costumeiras sete voltas ao Inferno para cair no sótão do Além. E invejo aquela mulher. Invejo a sua viuvez. O que não daria para ser a viúva do Luis, eu, que nunca fui nada de ninguém.

Golpes e cacetadas transformaram-me numa imitação da minha tia-avó, e talvez a anãzinha esteja à minha espera, estacada à porta do misterioso arcano, a acenar-me para entrarmos juntas. Subo a coxear até ao meu sótão. O bicho asqueroso em que me transformei remexe num baú de papéis e fotografias antigas, relatórios de professores e psicólogos solicitados pelo meu pai, empenhado em revelar o porquê do monstro que tinha gerado, para concluir se era culpa dele ou consequência de uma herança mórbida do lado materno da família.

Posso entrar e até perder-me no cofre, a par com a minha alma de velha-anã-proustiana, pois, no fim de contas, é isso que aqui vim fazer.

É desnecessário dizê-lo, mas repito que sou uma mulher enfiada num baú de cartas, fotografias, relatórios, cartões e papéis amarelecidos. Salta dali uma menina vestida de organdi: a minha fotografia de quando tinha quatro anos cronológicos. *A Alegoria da Melancolia* de Dürer também dali salta. Estava numa moldura da qual a retirei para a guardar no baú.

Mais tarde descreverei a menina vestida de organdi, mas primeiro fá-lo-ei a respeito da fotografia do meu humor presente, pois sou a *Alegoria da Melancolia* de Albrecht Dürer, e o meu espaço é o mesmo ambiente da personagem.

No meu sótão da mansão da quinta estão todos os objetos do exílio, rodeiam-me; enquanto apoio a minha cabeça fervente e malárica na mão esquerda, na direita seguro um compasso de inútil espera. Estão aqui a escada que não leva a lado nenhum, o querubim sentado na roda enferrujada, o sino estragado, os relógios sem música, a balança descalibrada, o cão faminto. Só faltam os símbolos que Dürer incluiu na gravura e que são de esperança, a estrela do fundo e o selo de dezasseis números que somam trinta e quatro em qualquer sentido, garantindo farta solução para qualquer problema.

A menina.

Segura um cesto de vime com rosas de papel. Essa criança é a defunta de mim, o duende do hemisfério sombrio das minhas dores futuras, que põe a mão e até o braço em baús de outono e de inevitável invernia.

Eu tinha começado a minha temporada no Inferno quatro anos antes desta fotografia: o dia em que nasci. Menina-testemunha, larva no seu casulo que se desfia e volta a acasular para que o rebento pulse, saia e se projete, por vezes suave, noutras compulsivo, sempre destemido.

Observo a fotografia e consigo lembrar-me da minha mãe no dia em que me levou para que me fotografassem.

Era um entardecer quente de verão e chovia. Um céu desagradável tingia a cidade de cinzento metalizado, zinco

azedo, cor de borralho. Ambas transpirávamos, com a testa perlada de um suor irritante, sentadas no banco de couro verde da carruagem puxada por cavalos escuros. Vejo, na fotografia, os sapatinhos vermelhos com fivela. Molharam-se e eu quis secá-los com o meu lencinho fino e a mãe deu-me um carolo. Vejo a pequena corrente de ouro com o medalhão de camafeu alpino que se enroscou na bolsinha de fio de prata. Dei um puxão e a mãe bateu-me outra vez.

Sinto a suavidade do couro verde do banco, o barulho dos cascos na calçada, as gotas de chuva, gordas, que se infiltram por um rasgo na capota, o meu desejo fervoroso de falar com ela, que permanecia estática como uma cariátide no Erecteion, o espirro provocado pela gota contínua na minha cabeça, impossível de evitar porque a minha mãe não me deixava mexer. Vem o espirro. «Cataplasma... A menina vai constipar-se outra vez.»

O perfil clássico da minha mãe, esboçado pela perfeição da testa e do queixo, corrompia-se no seu nariz, violentamente arrebitado, teria cerca de vinte e cinco anos, mas perguntava-me como teria sido na sua juventude.

Na verdade, ela foi jovem apenas uma vez na vida, e eu murchei essa novidade numa estocada. Quando ela franzia o sobrolho, as rugas ondulavam-lhe a superfície da pele, carris sobre os quais circulava o comboio das preocupações, no qual viajava eu, causa dos sulcos que hora após hora lhe degradaram a beleza até a espantarem como a uma borboleta num campo de alfafa castigado pelo vento das pampas.

A sua preferida era a Lula, a filha mais nova. A loira gordinha, doce bebé que protegeu toda a vida, e que maltratei tanto quanto pude. A minha mãe cantava para a sua boneca de roliça lisura, María Salomé, Lulita; até esses nomes me roubaram, impingindo-me o ridículo nome de María Micaela, que na minha idade pré-escolar me deixava um sabor azedo na boca. Primogénita, eu devia ostentar os nomes da minha mãe, que ela guardou para oferecer à segunda filha. Para cúmulo dos meus males, eu não era bonita.

... Sou rebelde e a mãe bate-me, mas bato-lhe com mais força sem levantar um único dedo. O rebento nos seus braços protetores, e eu a inventar doenças para caber num quadro do qual já me tinham desterrado.

Fingia na mesma; ou talvez fossem dores da alma que se traduzem em mentirosas queixas: «Dói-me a cabeça» ou: «Tenho os pés frios.»

Tudo isto um fracasso; a mãe bruxa intuitiva descobria o embuste, e então uma maldita e nervosa gargalhada, que em situações difíceis ainda me acomete, sacudia-me o corpo, como se risse com a garganta de dez mulheres.

Observo de novo a fotografia, viajo naquela carruagem. Descemos e já na sala do fotógrafo põem-me ao lado de uma mesinha em cima da qual está a cesta. «Finja que está a pegar numa flor», indica o homem, suplica: «Sorria.» De mim não consegue nada. O meu braço pende ao longo do corpo como um raminho de salgueiro-chorão e não consigo sorrir. Máscara de tragédia, faço um esgar e desenho um beicinho. Os olhos da minha mãe têm um brilho terrível quando declara que a fotografia será um fiasco.

O fotógrafo, amável, compõe uma pequena dobra do meu vestido e diz: «Cara menina, olhe o passarinho.» Faço uma tentativa e sai a gargalhada; sinto que toda aquela cena é estúpida.

A minha mãe ameaça: «Quando voltarmos a casa, direi ao seu pai tudo o que aconteceu.» Resignada, diz ao homem: «Faça o que conseguir com esta cataplasma.»

A mãe sabe que nunca conseguirá dominar-me, sabe que sem dizer uma única palavra considero o ato da fotografia uma tontice, que leio e escrevo apesar da minha tenra idade, que leio placas e números nas ruas desde os três anos, sem precisar de professores; que os rotulo, aos mais velhos, de acordo com o meu parecer, que faço troça deles, que os detesto. Sabe que estou num nível muito superior ao de todas as crianças da minha idade, que engendrou a sua desgraça e a da sua filha predileta. Tem medo de mim e eu sei-o.

Quando deixámos a sala escura, já não chovia. O ouro do sol caía a cântaros, estorricando as flores disciplinadas da praça San Martín, as tílias, as magnólias.

Esse sol tinge de dourado a seda do vestido da minha mãe, que é castanho com pintas e de saia plissada. Castanhas são as suas botas de salto alto e, dobrada para cima, a capelina italiana, que não escurece a tez pálida de crioula distinta. Leva uma bolsa de camurça macia, tão macia quanto a pele da Lula. O feio, o único elemento feio é o que arrasta consigo, Chela, María Micaela Stradolini, a sua primogénita magra e morena, de olhos esbugalhados.

Nas confeitarias, as crianças livres bebiam e sorviam natas geladas, cones de chocolate, de frutas vermelhas

e cor-de-rosa. Ninguém as vigiava, e elas, nos balcões, afirmavam-se como pequenotes de livre vontade, enquanto eu pendia da mão materna como marioneta furiosa. Teria dado a minha alma por um gelado saboreado em liberdade, mas ela entrou na confeitaria La Perla para tomar o seu chá com bolinhos. Detesto chá com bolinhos.

Do passeio, como um trinado, ouço a algazarra alegre dos emancipados. A minha imaginação ficou presa nos flocos multicoloridos enquanto o empregado servia o que fora pedido deixando-o sobre a toalha de mesa onde eu lia, estampado, o nome da confeitaria.

Depois, lia os rótulos dos frascos, das caixas nas prateleiras, as marcas dos produtos doces. A minha mãe espumava de ira.

O bule e a caneca de metal fumegavam, os bolos no pires adocicavam e caramelizavam o ambiente.

Fazendo-me de parva, continuava a ler rótulos, modo de demonstrar que rejeitava o convite. Ela leu-me os pensamentos: «Os gelados pioram-lhe a bronquite.»

Os meus brônquios pareciam motores a arrancar, mas um gelado, que mal poderia fazer a um mal já crónico. A mãe serviu-me: «Vamos, coma.»

Ela sorvia a delícia dos ingleses, que sempre me pareceu insossa.

Na água sólida da pedra do seu anelar navegaram os meus olhos de gaivota solitária, em pleno mar avarento e inimigo, águas negras de mar profundo, as contas azeviche do seu colar de duas voltas, dos seus pingentes de ouro.

Mãe, porque não gostaste de mim nem um pouco?

Apontou para a tacinha: «O seu chá está a ficar frio.»

A fumarola exausta já não ascendia da concavidade da loiça, vencida pela minha obstinação. Fiz dois bochechos, como quando lavava os dentes, e engoli de um trago o líquido repugnante. Ela comia os bolinhos com creme, os *palmiers* retorcidos e crocantes, enquanto uma música de açúcar caramelizava o ar, chocalho da minha infância, «La violetera», reminiscência de Charles Chaplin, e as tímidas flores dançavam com perninhas entre azul e escarlate, trepando a um céu raso de fim de século, colunetas gráceis, barroquismo inocente, inocência de capitéis redondos e roseirais de mel.

Ano de 1925, ainda edénico na cidade de La Plata, capital da província de Buenos Aires. Tínhamos viajado desde a nossa fazenda nos arredores só para tirar a fotografia e enviá-la à tia Angelina, parente paterna, em Itália. Belos tempos, apesar da amargura que as pessoas da casa me causavam.

Debaixo da mesinha, as minhas pernas dançavam, tontas como as de Chaplin, uma dança desajeitada que, se fosse em público, faria rir os fregueses, tal como a que bailava o infeliz Carlitos, calçado com os seus trágicos sapatos que o ajudavam a fugir pelas longas estradas depois de ter feito figura ridícula perante a trupe.

Eu sofria no cinema a ver os seus filmes. Era uma rapariga chaplinesca, tosca e cómica. Aos quatro anos, decidi que aquele ator era o meu irmão espiritual.

Ainda hoje me doem os diálogos em mímica, os sentimentos e os amores expressos por puras pestanas tremeluzentes e sobrancelhas sofredoras; a pena do diminuto

bigode como mancha de chocolate colado ao lábio superior, a aristocracia do bufão que mostra o descarnar da caveira mais claramente do que Hamlet. A família comentava os meus longos membros de avestruz, os pés grandes que me pesavam tanto quanto pesariam os sapatos de Chaplin.

A mãe continuava imperturbável — o amuo contido —, observando a minha falta de apetite e a minha gula por unhas. «Porca... Daquilo já gosta... Vou pôr-lhe cocó nas unhas, pode ser que assim goste ainda mais delas.» Sabia dissimular. Uns senhores lançaram-lhe uns piropos: «Que boneca.» Ela mal corou. Os tipos devem ter pensado o que a «boneca» estaria a dizer-me: «Coma, filhinha, estes bolos com creme estão deliciosos.»

Então ela começou a calçar as luvas. Mãos de concertista de piano falhada por se ter casado antes da sua irmã mais nova. Quis sempre ganhar. Perdeu sempre.

«Assim que chegarmos a casa direi ao seu pai as figurinhas que me obrigou a fazer toda a tarde.»

Que figurinhas?

A tentação do riso na sala do fotógrafo, onde fiquei dura como um sabre e considerei estúpida a promessa do famoso passarinho, lendo e relendo coisas escritas, que serviam para isso, claro.

A mãe não tardaria a engordar. A gravidez acabaria com os vestidos justos como fronhas, as saias plissadas, os saltos altos ao estilo Luís XV.

Eu já sabia de onde vinham as crianças, e tudo o resto, embora não em pormenor, conseguia deduzir por

raciocínio. A minha mãe achava que tinha a seu lado um monstro.

«A Chela é uma peste», pelo menos nisto as minhas duas avós concordavam.

Discutem:

— A Lula é bonita como a mãe.

— Não, sai aos Stradolini.

As velhas disputam uma beleza normal, uma bebé harmoniosa e dócil.

Os meus apodos: «Pernilonga e nariguda.»

Grito-lhes: «Velhas de merda.»

Quero que o meu futuro irmão seja horrível. Talvez seja uma irmã. Não. Sei que é um varão horrível.

«A Lula não dá trabalho, sabe comportar-se à mesa.»

E não dizem nada sobre mim e isso é pior do que se gritassem odiosa, rebelde, fedorenta.

Ignoram qualquer qualificativo, e a indiferença magoa-me como se eu nunca tivesse nascido. Até à quinta, duas horas de viagem, e o medo: «Direi tudo ao seu pai.»

Já deitei formigas nas fraldas da Lula, a mãe atribuiu a invasão a um descuido da menina. Pus figuras de animais feios no tule do mosquiteiro: répteis, hipopótamos, manadas de seres antediluvianos tiradas das páginas brilhantes e coloridas de *Caras y Caretas*. Chora quando a belisco, ou aguenta a minha picada de vespa fingindo dormir. Odeio-a. Tenho dois anos de avanço sobre a minha irmã e estou a fazer obstinadamente outra inimiga.

Embora a noite esteja quente, sinto frio. É o frio que superei apenas uma vez em toda a minha vida. Sinto uma dor

no peito. É a dor que também só superei uma vez na vida. O portão de ferro range e começamos a entrar no território da amargura.

O meu pai, como sempre, lê à secretária enquanto fuma o seu cachimbo de espuma do mar, tão leve. Os seus cor-religionários acabam de o agraciar com um cargo. «Talvez esteja bem-disposto», digo para mim própria. A mãe beija-o ao passar por ele. A tonta da Lula: «Mam... mamã.»

— A Chela obrigou-me a fazer toda a espécie de figuras.

— Vá para o seu quarto sem jantar.

Para mim, não é sequer um castigo. Atiro-me para a cama e choro, pelo meu pai já chorei muito. Nunca por ela. Molho a almofada com lágrimas de raiva, quero morrer.

De manhã inventava ocupações, criava fantasias com os objetos, imaginava personagens, sendo a protagonista de mil façanhas. A minha psique e o meu corpo, ambos entidades integradas em harmonia, moviam-se em paisagens idílicas, um pouco verdadeiras, um pouco inventadas. Não gostava das tarefas domésticas. Bem, sim, é um prazer lavar a loiça fina e os *bibelots* da cristaleira da minha mãe. Deitava uma grande quantidade de sabão numa enorme bacia, um verdadeiro sincelo de neve saponária, e com um trapinho limpava peças delicadamente esculpidas, pequenas obras de arte em porcelana, cristal de Murano, porcelana da Áustria, Alemanha e França. A minha mãe adorava aqueles *bibelots*. Agarrava-se a esses universos mortos da ourivesaria para escapar ao seu mundo doméstico de pianista falhada. Eu lavava a faiança inglesa, os monges orientais, as máscaras venezianas iridescentes, tão misteriosas

com os seus pormenores de ouro infiltrados, as gôndolas navegantes do Lido no mar Adriático. E na grande bacia espumosa surgiam à tona paisagens sob o meu comando de lavadeira.

«Cuidado, são recordações... Não percebo por que razão se põe a fazer isto», soluçava a minha mãe.

Eu continuava com o meu trapinho, tornando a limpar as esculturas, as molduras, as diminutas assinaturas que autenticavam esta ou aquela proveniência, as datas antigas. E passava outra vez o pano, depois de o ter ensaboado bem, sobre copos, pequenos frascos, ânforas, garrações napolitanos de vinho cujo sangue precioso circulava vivo mesmo depois de esvaziado, como rasto de um pequeno pirilampo. Enquanto fazia o trabalho que tinha escolhido de livre vontade, imaginava a Europa e a Ásia, transportava os continentes para o ar daninho da quinta. A minha capacidade intelectual já me permitia ler História da Arte, a Europa já era a minha meta. A vigilante suplicava: «Cuidado, são recordações.»

Eu esbarrava deliberadamente numa aresta de um móvel ou, com uma imprecisão ponderada, punha uma chávena que titubeava em desequilíbrio por falta da base e, quando estava prestes a cair, apanhava-a em pleno ar. A minha mãe sofria.

Camelia Obieta, mais do que amiga do meu pai, gritava: «Como é que podes deixar a fedelha mexer nos objetos da cristaleira?»

Durante os trabalhos de casa eu costumava fazer pequenas peças de teatro, uma das quais, intitulada *Falsidade*,

era protagonizada por Camélia Obieta. Não conseguia perceber como é que a minha mãe, sabendo disto, o tolerava. Opinava: «A minha mãe é tão indecente como eles», e às vezes, para me conformar, dizia a mim mesma que talvez apenas eu tivesse reparado nisto. Com o tema «Camélia» em mente, lavei a tampa da terrina da sopa onde uma bela paisagem mostrava o golfo de Nápoles. Ali estavam Capri, as suas árvores esparsas, o céu esplêndido sobre a marina, Santa Lucia e a Rocca della Madonna. De repente, o Vesúvio explodiu. Vi nuvens de fumo e rios de lava que corriam e queimavam, e fendas horríveis na crosta terrestre: o topo foi arrancado e estilhaçou-se.

De uma costa distante, ouvi as Górgonas: «Quando o seu pai chegar...»

Fiquei petrificada. Sentia-me impotente como o herói que perdeu o seu escudo e a sua espada; dos meus calcaneares, como folhas mortas, caíram duas asinhas. Estava sozinha à porta de um orfanato, mas não chorei. Recolhi os pedaços centenários, julgo que os beijei. Senti que o meu peito também se despedaçava, e tossi, os meus brônquios pareciam dois motores.

Como tinha lido sobre o banquete dos deuses, sentei-me à mesa e ouvi as horas abrirem as portas do medo: meio-dia e meia; uma hora; uma e meia, e assim sucessivamente até às quatro horas, quando o meu pai chegaria.

Deitei-me sobre a raiz de um salgueiro. Não comi. Do meu lugar, ouvia as conversas tolas da mãe e de Camélia. Tinha a esperança indecente de que o pai se esquecesse de mim ao ver a mulher fatal. A Lulita estava a almoçar na sala

de jantar. Eu espiava e via um único prato sobre a toalha cor-de-rosa e os talheres de prata que tinham pertencido à minha mãe em criança, a Lula usava tudo com muito boas maneiras.

Na minha infância nunca consegui comer com talheres, comia com as mãos para acabar mais depressa, para pôr fim àquilo e me dedicar a outra coisa. «A Chela é um animal», diziam, e com isso não me ofendiam. Eu gostava de animais, aquilo não me ofendia. O meu pai comentava: «Ela pode ser muito inteligente, sobredotada, mas come como um porco.»

Agora eu mastigava ervinhas porque tinha sede. A minha barriga ardia e levantei a camisa; descobri manchas vermelhas no ventre, como se as vespas tivessem andado por lá a picar. Apercebi-me de que estava doente e uma alegria selvagem apoderou-se de mim. Eles iam finalmente dar conta de que eu existia, de que era suficientemente humana para adoecer como as outras crianças. A febre alta secou-me a garganta e os meus olhos lacrimejavam. Adormeci enquanto pedia aos deuses para ter varíola.

O meu pai chamou-me.

Acordei. Fui ao escritório. O meu pai fumava e não lia; não se dignou a virar o seu cadeirão para mim: «A menina fez estragos, partiu uma peça de coleção que a minha mãe, a sua avó, ofereceu à sua mãe quando nos casámos, cometeu um crime contra a beleza.»

Respondi com um pio de pássaro fedorento. «Cale-se, é má e rebelde como um demónio, não parece minha filha nem da sua mãe.»

Piar não é falar.

A minha mãe e Camelia vieram e repararam na minha vermelhidão.

— O que é que se passa com esta rapariga que a faz ficar tão vermelha?

— Era só o que faltava, estou grávida de três meses e, se for rubéola, coitada de mim e do meu menino...

— Será que é sarampo?

— Ela já teve.

— Varicela?

— Rubéola!

— Talvez não a apanhes.

— Teria de perder a criança.

Eu estava nua como uma boneca de celuloide e eles auscultavam a minha nudez infantil. Pensei que teriam enlouquecido: sendo eu a doente, porque é que se preocupavam com a futura criança?

Confinaram-me no sótão, juntamente com a Sara; ali passei todos os meus males. Naquele sótão, criei raízes para sempre. Pela janela estreita via o rosicler crepuscular, cuja cor era a mesma do doce de pêsego que recomendam aos doentes. Marmelada e compota por dentro e por fora, e a minha constante vontade de vomitar. A Sara traz um penico e diz: «Vomite.» A Sara é negra e parece feita de plástico, por mimetismo perde-se nas sombras da sala e eu fico sozinha no naufrágio.

A Sara e a papeira; a Sara e o sarampo; a Sara e a escarlatina; a Sara e a varicela, e agora ao lado das máculas ardidas e ardentes.

A história de uma família mergulhada na infâmia, narrada por uma rapariga sobredotada, com problemas emocionais: ingredientes para um romance de alta voltagem.

«De um só golpe, destruí a segunda juventude da minha mãe, talvez a única.» Assim conhecemos María Micaela Stradolini, ou Chela, protagonista inolvidável deste romance, ambientado na alta burguesia argentina dos anos 1920.

A irrequieta e antissocial Chela mergulha num baú de papéis e fotografias, tesouros perdidos da sua biografia e da sua família. Ela, que nunca foi nada para ninguém e que é incapaz de se comover, até com a morte do que foi o seu grande amor, vai usar estes objetos para regressar a uma infância de menina rica e talentosa, magra demais e morena demais para o gosto da época. O retrato do que a rodeia é sombrio: a mãe, uma pianista fracassada, adora apenas Lula, a filha do meio; o pai é frio e psicologicamente violento; Lula insulta constantemente a irmã; Juan Sebastián nasce com uma deficiência profunda.

A ânsia maior de Chela é por libertação e liberdade — encontrará ambas nas viagens que faz como adulta, em busca do seu passado e do seu futuro, incluindo uma viagem à Sicília, onde encontrará, por fim, as raízes da sua singularidade.

Aurora Venturini, celebrizada pelo romance *As primas*, volta a mostrar-se, com um exímio equilíbrio entre sombra e luz, ironia e profundidade, como uma cronista mordaz da natureza humana. *A família Caserta* é mais uma brilhante exibição da verve narrativa de uma escritora que se adiantou ao seu próprio tempo.



«A família Caserta revela a convicção de que a literatura é o lugar para aprofundar o mal, sob todas as formas; não o mal monótono e previsível dos puritanos, mas aquelas dimensões imaginárias do mal

«A família Caserta revela a convicção de que a literatura é o lugar para aprofundar o mal, sob todas as formas; não o mal monótono e previsível dos puritanos, mas aquelas dimensões imaginárias do mal que têm poder estético e que redimem. [...]




Neste romance, é possível encontrar um raro êxtase de felicidade verbal [...], numa prosa que expressa um desenraizamento total e horrendo.»

La Nación



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)
  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897872358



9 789897 872358 >